

Ser judeu. IV

(Aspecto religioso)

O judaísmo é fonte de duas religiões universais, o Islam e o Cristianismo, embora sua relação com o cristianismo seja mais íntima que a outra. Para os cristãos o judaísmo foi superado pelo cristianismo por espécie de dialéctica interna e externa. Pela dialéctica interna o judaísmo foi superado na figura de Jesus e na dos seus seguidores imediatos. Pela dialéctica externa foi superado ao terem os cristãos absorvido determinados elementos do helenismo. De maneira que não se explica, em termos cristãos, porque o judaísmo não se dissolveu no cristianismo. Os judeus deveriam ter sido os primeiros a converter-se ao cristianismo, e de fato muitos entre eles assim fizeram. O fato de muitos outros não o terem feito, e de persistirem obstinadamente em não fazê-lo, malgrado os autos da fé, é escandaloso para os cristãos, e é uma das raízes do antisemitismo. Coisa que é problema para os cristãos, já que o cristianismo se quer religião do amor, não do ódio aos que se recusam amar da mesma maneira.

Pode parecer que isto não é problema imediato para o judaísmo. Se os cristãos se tomam por judeus super-perfeitos, isto é lá com eles. E se de fato o são, serão bem-vindos. Mas, obviamente, a questão não se põe nestes termos. Na realidade o judaísmo pos-cristão e pos-islâmico existe em função dessas duas religiões às quais deu origem. Estabeleceu-se complexa relação entre as três religiões, e uma se justifica constantemente perante as duas outras. Os argumentos cristãos devem ser tomados a sério pelos judeus ocidentais, como devem ser tomados a sério os argumentos islâmicos pelos judeus do Oriente médio. Não apenas por resultarem em sangue judeu, mas sobretudo porque questionam o judaísmo. Efetivamente a questão é esta: por quê os judeus não se convertem?

A questão parece ser menos premente agora que outrora. O cristianismo está em crise de fé, e em muitos terrenos, como na Rússia, parece que está desaparecendo. O Islam no seu triunfalismo está se transformando em ideologia reacionária e militarista, francamente pouco convidativa para conversões por parte dos judeus. E tanto o mundo cristão quanto o islâmico são ameaçados por mundo alheio, provindo do Oriente extremo, e o qual não participa da herança judia. De modo que a questão: por quê os judeus não se convertem?, parece um tanto ultrapassada pelos acontecimentos.

Mas isto seria colocar mal o problema. A questão não é se a obstinação judia é ou não é existencialmente justificada, se merece os sofrimentos pelos quais os judeus passaram e estão passando. A questão é se tal obstinação é ou não é religiosamente justificada. E colocada assim, a questão se põe com urgência acrescida precisamente quando está em questão toda religiosidade de origem judia, e o mundo todo informado pelo judaísmo.

Os argumentos cristãos em prol da conversão dos judeus são fortes. O cristianismo é efetivamente superação do judaísmo, porque explicita muitos aspectos que estão apenas implícitos no judaísmo. É efetivamente superação do judaísmo, porque Jesus, o fundador do cristianismo, é efetivamente judeu perfeito. E o cristianismo é efetivamente superação do judaísmo, porque torna efetiva a universalidade judaica, e conquista para ela o Ocidente. Mas os argumentos cristãos falharam no que toca os judeus, porque não captam a essência do judaísmo. O judaísmo enquanto religião, (se é que é religião no significado cristão), não é conjunto de crenças, como pensam os cristãos, nem é conjunto de regras, como pensam muitos judeus, mas é vivência muito específica do sacro. Não é, na sua essência, nem cosmovisão nem moral, é confronto com o Outro. Por isto os argumentos cristãos não atingem o que conta para judeus. São teológicos, mas os judeus consideram toda teologia com suma suspeita. São prometedoras da salvação, mas os judeus consideram a salvação da própria alma meta extremamente duvidosa. Mas os argumentos cristãos não falam daquilo que interessa aos judeus: como viver na presença do Outro na vida quotidiana?

Com efeito: os argumentos cristãos provam, aos olhos judeus, o quanto os cristãos são pagãos, e quã pouca coisa conservaram do judaísmo. Por certo; há um sabor judeu em tudo que os cristãos dizem, e é por isto que o diálogo com eles é possível. Mas tal sabor está diluído a ponto de se tornar caricatura. Pelas objetivacões do sacro que o cristianismo efetuou, a Trindade, a Ressureição, os sacramentos, a hierarquia dos santos etc., evaporou-se, aos olhos judeus, precisamente o que é sacro: onipresença intangível, não logicizável, não especulável, não imaginável do Outro.

O que acaba de ser dito deve ser, no entanto, precisado. O judaísmo não é estático, mas altamente maleável. Há judaísmo arcáico, que transparece na Bíblia, e que contém muitos elementos de crenças proto-judias; Há judaísmo talmudico, que é o que deu origem ao cristianismo, e que se assemelha; em muitos aspectos, ao ensinamento de Jesus. Há judaísmo medieval, que é profundamente influenciado pelo cristianismo, e resposta aos argumentos cristãos e islâmicos contra o judaísmo. E há, atualmente, numerosas variantes de um judaísmo pos-emancipatorio, que vão desde a ortodoxia mais ritual até o que pode ser chamado ateísmo espiritualizado. O judaísmo que procurei caracterizar no parágrafo precedente é o que me parece ser o núcleo imutável desses judaísmos todos.

O que quero dizer é isto: pode haver judeus que crêm em vários dogmas, como a criação do mundo ou a inspiração dos profetas, mas isto não é o que os torna judeus religiosos. Pode haver judeus que se comportam com precisão ritual em toda situação imaginável, mas isto não é o que os torna judeus religiosos. Pode haver judeus que dedicam suas vidas ao estudo das

*Buber - Husserl*

das Escrituras, mas isto não é o que os torna judeus religiosos. Judeu religioso é quem se toma constantemente, parceiro do sacro, e quem reconhece em todo outro homem a presença do sacro. O que equivale a dizer que ser judeu religioso não é realidade, mas tarefa. Em termos gregos: não é dogma, é praxis.

Isto é a razão porque os judeus se recusaram, tão obstinadamente, a se converterem. Julgaram o cristianismo, não pelos seus argumentos, que lhes pareciam fora do proposito essencial, mas pela sua praxis. Pelos seus "frutos", para dizê-lo evangêlicamente. O cristianismo aparece, aos olhos judeus, como licença para evitar o confronto diário com o sacro. Como recusa a assumir o fardo, admitidamente quase insuportável, da responsabilidade face ao sacro. Ou, nos termos do meu primo David ao falar em seminário catolico: vocês crêm que Jesus morreu a morte indigna na madeira para vocês poderem dessacralizar o sâbat andando de automovel? E isto é de suma importância na situação religiosa da atualidade. Quando as proprias bases da religiosidade judeo-cristã estão ameaçadas.

A figura de Jesus, além de central para a nossa cultura toda, é exemplo do que tenho em mente. Para os cristãos se põe o problema ontologico, resolvido por dogma: quem é essa figura? 'E ele Messias, é Salvador, é Filho de Deus, é Deus? Para os judeus, tal problema é totalmente subordinado a outro: devo seguir-Lhe os passos? Pelo contrário: o problema ontologico serve apenas a encobrir o problema verdadeiro. De toda forma o problema se Jesus é Deus é falso, porque jamais poderemos saber o significado de "Deus". "Deus" não é conceito a fazer parte de definições do tipo: isto é Deus. Tais definições são idolatrias, porque dessacralizam o sacro. Mas por grande infelicidade os argumentos cristãos, se não conseguiram converter os judeus, conseguiram aliená-los da figura de Jesus, esse maior dos judeus, a ponto de ultrapassar a condição normal de homem. As consequências de tal alienação dos judeus com relação a Jesus, isto é: com relação a si proprios, são incalculáveis.

Essa practicidade inerente ao judaismo, essa sua obsessão pela ação e paixão face ao sacro onipresente, com exclusão de toda consideração teórica e dogmática, leva a extremos absurdos. Toda ação e toda paixão são analisadas em seus minimos detalhes, para serem formalizadas e reguladas. Destarte o judaismo pode reduzir-se a si proprio a um pó insignificante. A uma adoração das pulgas no manto do guardião da porta da Lei. E pode levar também ao outro extremo de um misticismo difuso e entusiasta, do qual o chassidismo é apenas um entre muitos exemplos. Destarte o judaismo pode reduzir-se a si proprio a um mero gozo da sacralidade. Mas também pode levar a uma vida que assume a responsabilidade de existência em mundo absurdo pelo reconhecimento do sacro no outro homem.

A importância de um tal fundamentalismo judeu que estou procurando articular com tamanha dificuldade não pode ser exagerada na situação atual. Se minha análise for correta, esse fundo do judaísmo o é também do cristianismo, embora lá se encontre ainda mais soterrado. Pois o que está em crise, atualmente, não é tanto o conteúdo dogmático das religiões, nem os seus vários ritos, mas esse fundamento comum do judaísmo e do cristianismo. Os dogmas religiosos há muito se tornaram inacreditáveis em contexto no qual domina o conhecimento científico e soterrado essa sua sombra, o cientifismo. Mas isto não impede que tais dogmas sejam aceitos por numerosas pessoas, inclusive por pessoas bem informadas cientificamente. Porque quanto mais inacreditáveis tais dogmas, tanto mais convidativos são ao sacrifício da razão científica que está se tornando suspeita. Quanto aos ritos, há muito perderam o sabor mágico que os justificava em tempos passados. Se continuam sendo seguidos é mais por desejo de conservar a memória da uma forma de vida perdida, e tida por muitos preferível à forma de vida da atualidade. A verdadeira crise da religiosidade está na impossibilidade que ressentimos para vivenciar Deus no outro homem. É crise de confiança no homem. Deus morreu porque não confiamos nem no outro homem nem em nos próprios. E tal crise é exatamente a mesma para cristãos e para judeus. É crise, não do cristianismo ou do judaísmo, mas do judeo-cristianismo.

Se o fundamento comum ao judeo-cristianismo for concientizado, se captarmos o que distingue a nossa cultura das demais, poderemos avaliar melhor de que se trata na atual desafio que o Extremo Oriente está nos lançando. Pois creio que o que caracteriza a nossa cultura e a distingue das demais é precisamente essa vivência do sacro na pessoa humana. Isto pode ser articulado de pelo menos duas maneiras. Uma é dizendo que Deus é vivenciado enquanto pessoa, enquanto um Outro que nos chama por "tu", e é por nos assim chamado. Outra articulação é dizendo que o rosto humano é a única imagem de Deus que possuímos. Isto não é "humanismo", nem "filantropia": é toda uma antropologia fundada sobre específica vivência do sacro. É ela a herança judaica mais fundamental do Ocidente. Ela pervade nossa cultura toda, suas religiões, sua política, sua arte, sua ciência, sua tecnologia. E é ela que está em crise. Se seremos vencidos por culturas diferentes da nossa será porque estamos perdendo esse fundamento.

Por certo: ter concientizado tal fundamento não significa tê-lo consolidado. Nem significa que uma tal consolidação se justifica. Mas significa ter-se assumido enquanto Ocidental, com todas as dúvidas que isto implica; A meu ver, ser judeu religioso na atualidade é procurar concientizar tal fundamento comum ao judeo-cristianismo tanto para si próprio, como para os demais judeus, como para os participantes cristãos da nossa cultura.